



Teoria das Representações Sociais e pesquisa socioeducativa em Saúde do Idoso: contribuições teórico-metodológicas

Darlisom Sousa Ferreira¹, André Luiz Machado das Neves², Tarciano Batista e Siqueira³ e Iury Pedro Bento Barbosa⁴

Resumo

Este artigo tem como objeto a Teoria das Representações Sociais (TRS) e sua contribuição teórico-metodológica, portanto, busca contribuir promovendo uma interlocução com a pesquisa socioeducativa na saúde do idoso. Tem como objetivo descrever a teoria psicossociológica e discutir sua utilização enquanto alternativa epistemológica no campo da educação em saúde. Nesse sentido, percorre as origens e fundamentos da teoria de Serge Moscovici. Expressa a relevância da TRS na pesquisa nas ciências humanas e da saúde e destaca a necessidade de se buscar uma articulação entre as representações sociais e a experiência de envelhecer no cotidiano das práticas educativas em saúde.

Palavras-Chave: Teoria das Representações Sociais, Pesquisa socioeducativa, Saúde do Idoso.

Abstract

This article is about the Social Representations Theory (SRT) and its theoretical and methodological contribution, therefore, seeks to contribute to promoting a dialogue with socioeducational research on elderly health. Aims to describe the psychosocial theory and discuss its use as an alternative epistemological field of health education. In this sense, covers the origins and foundations of the theory of Serge Moscovici. Expresses the relevance of TRS in research in the humanities and health and highlights the need for a link between social representations and the experience of aging in the daily health education.

Key-words: Social Representations Theory , socioeducational research, elderly health.

¹ Professor Assistente da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Sub-coordenador do curso de Enfermagem, Enfermeiro – Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará.

² Psicólogo, Mestrando do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, bolsista da CAPES. Especialista em Psicologia Educacional pela Universidade do Estado do Pará.

³ Fisioterapeuta, Especialista em Saúde Coletiva pelas Faculdades Integradas de Patos.

⁴ Graduando do curso de Medicina da Universidade do Estado do Amazonas.

Endereço: Escola Superior de Ciências da Saúde – ESA/UEA - Avenida Carvalho Leal, nº 1777, Cachoeirinha - Manaus – Amazonas – Brasil. darlisom@terra.com.br



1. Introdução

Nos últimos anos, os estudos e pesquisas sobre representações sociais (RS) vêm ganhando uma proporção expressiva na produção intelectual e científica no Brasil. Trata-se de uma expansão não exclusiva de um determinado campo da ciência, mas de inúmeras áreas, como as ciências humanas, biológicas, naturais e de saúde, o que indica seu caráter interdisciplinar.

Trata-se de uma teoria que investiga e explica a relação recíproca entre indivíduo e sociedade. O desenvolvimento deste “novo” campo no Brasil iniciou-se na década de noventa em várias instituições de ensino em programas de pós – graduação, como por exemplo, os da UFRN, UERJ, UFPR, UFPB entre outras do Norte e Nordeste. Outro marco importante foi a realização da I Jornada Internacional de Representações Sociais, em 1998, e mais recentemente a V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em Brasília, no mês de agosto de 2007, em que a produção científica brasileira apresentou considerável contribuição e crescimento.

Este conceito tem suas raízes na sociologia com uma presença marcante na antropologia e na história das mentalidades. Serge Moscovici, desde o final dos anos 1950 e início da década de 1960, preocupa-se com os mesmos temas, como o processo social de produção do conhecimento, a definição de sociedade e a discussão em torno das RS. Em suas próprias palavras, interessou-se pelo “poder das ideias” do senso comum, isto é, o “estudo de como, e por que as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como eles transformam ideias em práticas” (OLIVEIRA, 2005, p. 181). Moscovici de acordo com Oliveira (2005) buscou compreender como a produção de conhecimentos plurais constitui e reforça a identidade dos grupos, como influi em suas

práticas e como estas reconstituem seu pensamento.

Sobre os estudos de RS, faz necessário apontar que há três vertentes: a primeira, também chamada de grande teoria, enfatiza os preceitos de Serge Moscovici, e vem sendo liderada por Denise Jodelet, em Paris. A segunda corrente, liderada por Willem Doise, em Genebra, tem seus alicerces nos preceitos sociológicos. A terceira salienta os preceitos estruturalistas e cognitivos, é representada por Jean-Claude Abric, na França (SÁ, 1995).

A abordagem moscoviciniana continua válida e largamente utilizada, sobretudo no enfoque segundo o qual as RS são concebidas como um saber gerado através de comunicações cotidianas, com o objetivo prático de orientação de comportamentos em contextos sociais concretos.

O autor, em várias de suas obras, trabalha pelo reconhecimento de processos de mudança sociais levemente autônomos do sistema local e mais dependentes das ações de indivíduos e grupos (mesmo minoritários) e de suas “situações sociais”.

As relações entre representação social e saúde andam juntas principalmente no que se refere ao contexto socioeducativo, por observar que neste território, especialmente, onde se articulam os fenômenos individuais e coletivos, está à possibilidade de, através da pesquisa socioeducativa em saúde, discutir e compreender a dimensão social dos problemas do indivíduo-sociedade, o idoso em especial, e a partir disso contribuir crítica e reflexivamente na constituição de políticas públicas de saúde e educação.

É importante destacar o quanto este conceito rompe os muros das ciências humanas e atravessa os estudos de outras áreas enquanto ferramenta teórica e metodológica para a medicina, saúde coletiva, educação e enfermagem. Dessa forma, cumpre-me esta demarcação por explicitar o lugar de onde falo, para então situar a que me



refiro no processo de construção do conhecimento no campo das práticas educativas em saúde do idoso na Amazônia.

Portanto, o artigo tem como objetivo descrever a teoria psicossociológica e discutir sua utilização enquanto alternativa epistemológica no campo da educação em saúde.

2 Metodologia

Este estudo foi construído por meio do levantamento de dados encontrados na literatura já existente. Foram realizadas pesquisas bibliográficas por meio dos livros dispostos no acervo da Biblioteca Setorial da UEPA e UFPA, nas bases de dados da Scielo, onde foram consultados artigos originais e de revisão sobre o tema Idoso, Velhice, Representação Social e Educação em Saúde. A literatura utilizada foi toda em língua portuguesa.

3 Representações Sociais: por uma relação epistemológica entre objeto (alguma coisa) e sujeito (alguém).

Os estudos contemporâneos sobre RS tiveram como precursor Serge Moscovici, com o trabalho *La psychanalyse, son image et son public*, publicado em 1961 na França e em 1978 no Brasil, com o título *A representação social da psicanálise*, obra considerada uma reação à abordagem sociológica clássica das Representações Coletivas de Émile Durkheim, que concebe as RS como entidades estáticas, externas aos indivíduos, que se configuram em tradições transmitidas através de gerações por um tempo longo, sendo impostas e assimiladas inconscientemente, e ao caráter individualista da psicologia social norte-americana, propondo uma abordagem psicossociológica das RS em que o individual e o coletivo engendrem-se mutuamente (FARR, 2007).

É com o olhar da Psicologia Social que Moscovici (2005, p. 49), apresenta as representações sociais como fenômenos que “necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum”. Considera, ainda, que “o propósito de todas as representações é o de transformar algo não familiar, ou a própria não familiaridade, em familiar” (MOSCOVICI, 2005, p. 54). Então isto significa dizer que a representação social constrói a realidade e estrutura uma rede de significados que orientam o comportamento dos indivíduos.

Jodelet (2001, p. 32) define as representações sociais como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Isso significa uma forma de pensamento compartilhada, elaborada pelos grupos de indivíduos, como forma de entender um fato que lhe é estranho. A noção de representação social envolve dimensões afetivas, cognitivas e sociais, pois quando se tenta entender o mundo sob a perspectiva da representação social, se faz com sentimento e compreensão, que por sua vez, envolve a cognição e, por fim, encontra sua base na realidade social (CHAVES; BARBOSA, 1998).

As representações sociais são “ideias”, “espírito”, “concepções”, “mentalidade”, todos eles articulados e enfeixados pela noção de “visão de mundo”. Carregadas de significação cultural, podem também ser chamadas de juízos de valor que as pessoas, naturalmente, dotadas de vontade têm. As concepções sobre o real detêm uma dinâmica e força próprias, que podem chegar a ter tanta importância para os indivíduos quanto à base material na qual os fundamentos da sociedade se assentam (MINAYO, 2006, p. 223). Diante disso, penso que o estudo das representações



sociais implica em conhecer e entender como um grupo social (grupo de idosos) constrói um conjunto de saberes que expressam sua identidade.

Transformar palavras, ideias ou seres não familiares em palavras usuais e familiares, não é uma tarefa fácil. Segundo a TRS são necessários dois mecanismos de um processo baseado na memória e em conclusões passadas: a ancoragem e a objetivação, imprescindíveis para compreender os fenômenos representacionais.

Ancorar, segundo o autor significa “classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras” (MOSCOVICI, 2005, p. 61). A ancoragem desempenha o papel de ancorar ideias que não são familiares e reduzi-las a categorias e a imagens que são comuns, ou seja, familiares, ela transforma algo estranho e perturbador em um sistema individual de categorias e se assemelha a um sistema de categorização que o sujeito acredita ser apropriado. A categorização sempre é delineada pelo sujeito através dos paradigmas estocados na memória e então estabelece uma relação positiva ou negativa com ele (MOSCOVICI, 2005). É pela ancoragem que tornamos familiar o que antes era desconhecido, modificando, reconstruindo, ressignificando um determinado objeto de acordo com os nossos interesses e possibilidades.

A objetivação “une a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade” (MOSCOVICI, 2005, p. 71). Objetivar é atribuir materialidade ao objeto representado, tornando-o concreto, presentificando-o na sua ausência através de uma imagem figurativa ou material.

4 Campo, dimensões e áreas temáticas no estudo das representações sociais.

É notório e oportuno que a sociedade contemporânea vem se dedicando ao esclarecimento inicial dos novos pesquisadores das representações sociais, de modo a contribuir para a realização de pesquisas consistentes. Nesse sentido, não se trata apenas de “optar” pela pesquisa em representações sociais, a plausibilidade da existência de um fenômeno concreto é imprescindível para definir uma abordagem segundo a teoria das representações sociais.

A passagem da apreensão intuitiva da existência de um fenômeno para a prática de uma investigação envolve uma transformação, que Sá (1995, p.30) chama de “construção de objeto de pesquisa”, destacando que fenômeno e objeto de pesquisa não são, pois, termos equivalentes.

A noção básica de que uma representação social é uma forma de saber prático que liga um sujeito a um objeto, permite a formulação de algumas dimensões: 1 – “Quem sabe e de onde sabe?”, cujas respostas apontam para o estudo das condições de produção e circulação das RS; 2 – “O que e como sabe?”, que corresponde à pesquisa dos processos e estados das RS; 3 – “Sobre o que se sabe e com que efeito?”, o que leva a uma ocupação com o estatuto epistemológico das representações sociais (SÁ, 1995, p. 32).

O estatuto epistemológico das RS focaliza as relações que a representação guarda com a ciência e com o real, remetendo para a pesquisa das relações entre pensamento natural e pensamento científico, da difusão dos conhecimentos e da transformação de um tipo de saber em outro, bem como das decalagens entre a representação e o objeto representado, em termos de distorções, supressões e suplementações (SÁ, 1995).

Cabe nesse caminho destacar algumas temáticas na produção empírica das representações sociais: Uma primeira temática é a da relação entre a ciência e o pensamento erudito, por um lado, e o pensamento popular



ou a representação social, por outro. A saúde e a doença, sua contrapartida, constituem-se uma segunda temática, que pelo caráter ameaçador da vida, responde com extrema geração representacional (SÁ, 1995). É nesse desdobramento que me insiro enquanto profissional da saúde e estudioso da velhice e do envelhecimento populacional mundial, por constituir um emergente problema social e de saúde coletiva, campo de análise e objeto privilegiado nas pesquisas em representações sociais.

Uma terceira temática é a do desenvolvimento humano, com estudos voltados para “um outro mundo”, a infância. A educação constitui-se como uma quarta área temática, com estudos de representações do aluno sobre o professor, na escola primária, na universidade, do cotidiano escolar entre outros. Uma quinta área temática diz respeito ao mundo do trabalho, das profissões, das organizações e empresas, das condições de trabalho, etc. (SÁ, 1998, p. 38).

Os estudos sobre comunidades e afins, e a questão da exclusão social, constituem-se respectivamente, a sexta e sétima áreas temáticas. A primeira abriga os estudos de identidade, a questão comunitária em sentido amplo e os estudos em comunidades religiosas. A segunda tem estudado a discriminação racial entre outras problemáticas de exclusão (SÁ, 1998).

Nesse sentido, é importante destacar o debate sobre inclusão realizado por Ivanilde Oliveira. Esta problemática não se constitui um problema apenas da escola formal, tão pouco de pessoas com necessidades especiais, a autora nos motiva a estabelecer este embate em todos os espaços sociais, direcionando a outras minorias, entendendo que: “todos aprendem juntos, convivendo com as diferenças” (OLIVEIRA, 2004, p. 71). Dessa maneira, motivado também pelos pressupostos de Ivanilde Oliveira, entendo, ser o idoso, e a questão do envelhecimento populacional, debates marginalizados na

sociedade “moderna” e que requerem superação em múltiplos campos e cenários.

A diversificação e personalização de pesquisas no campo da RS, nas diversas áreas do conhecimento humano, têm revelado significativas questões quanto à circulação e compreensão dos processos de formação de saberes e práticas sociais nos múltiplos grupos populacionais e espaços desta sociedade dita “moderna”. No entanto, é preciso cautela, pois um determinado objeto pode não ser socialmente representado por um grupo, revelando como Denise Jodelet (1998, p.49) diz: “um discurso socialmente flutuante, sem assento nem referência sobre a prática, apresentando, sobretudo, o risco de ser falacioso”.

O estudo das representações sociais contribui para a formação da realidade social histórica, e concomitantemente, estão enraizadas nestas; permite compreender a forma como as pessoas representam um objeto, mas principalmente, a finalidade e a função deste. As representações são produzidas e modificadas no cotidiano e orientam o sujeito na definição de sua realidade. O estudo nesta teoria deve ser feito não apenas para prescrever mudanças ou diferenças sociais de um grupo para outro, mas sim, para dar indicativos e possibilidades de enriquecimento na qualidade da interação social entre os indivíduos, ou entre grupos (SÁ, 1995).

Conforme Sá (2002), Moscovici estabelece três dimensões que estruturam as representações: Informação, Atitude e Campo de Representação ou Imagem. A informação se refere à organização que o grupo tem de conhecimento sobre o objeto; já a atitude, Moscovici (2005) considera que é a das mais presentes entre os grupos, pois a informação e representação só aparecem depois do grupo ter tomado uma posição em função de uma posição tomada, e por fim, o campo de representação ou imagem, que é a associação de ideia ou imagem selecionada e preciso



acerca de um objeto da representação, criando uma imagem. “Estas dimensões fornecem uma visão de seu conteúdo e sentido”.

Embora a definição de representação social fosse complexa, Sá (2002) afirma que alguns adeptos da teoria têm proposto definições para TRS que parecem não comprometer a integridade do seu conceito através de três abordagens: a primeira é a Processual ou Grande Teoria, a segunda é a Genética ou Societal, e por fim a terceira Abordagem Estrutural, a qual foi dada mais ênfase neste trabalho.

A abordagem processual, segundo Sá (2002), tem o contorno e organização de Denise Jodelet, segue a mesma perspectiva de Moscovici, pois considera que representação social é uma forma de conhecimento prático que liga o sujeito a um objeto, ou seja, a experiência a partir da qual ele é produzido.

Estes sujeitos cercam sua realidade a partir do seu sistema de valores. No que tange ao objeto de pesquisa dessa abordagem, o objeto de estudo pode se dar por meio material ou ideal e natureza social, a representação se encontra a partir de simbolização ou de interpretação (SÁ, 2002). A metodologia dessa abordagem é focada na análise do discurso.

Como faz notar Sá (2002), a abordagem genética ou societal é liderada por Willen Doise e se baseia nos preceitos sociológicos; representações sociais são princípios geradores de tomadas de posição em decorrência na inserção específica em conjunto de relações sociais que organizam os processos simbólicos que interfere nessas relações.

A relação que Doise privilegia é o metassistema, que se dá através das regulações sociais que controlam, verificam e dirigem as operações cognitivas, e no seu entendimento são as representações sociais (SÁ, 2002).

A abordagem estrutural é uma proposta de Jean-Claude Abric no ano de 1976 através da sua tese de doutorado

intitulada *Jeux, conflits et représentations sociales* na Université de Provence, como hipótese de estruturação interna das representações sociais. Segundo Sá (2002), Abric considera que toda representação social além de ser hierarquizada, se estrutura a partir de um núcleo central constituído diante de um ou alguns elementos que dão à representação o seu significado, a representação é organizada em torno de um componente central.

Um controle da natureza e a verdade sobre os fenômenos naturais é o que visa a Ciência, enquanto as RS visam o empoderamento da ciência, sua constituição e reconstituição através das relações sociais envolvidas.

5 As representações sociais no cotidiano das práticas educativas em saúde: contribuições.

A educação em saúde fundamentada nas representações sociais consiste em uma pedagogia que se organiza em torno da ideia de que a aprendizagem se dá através da interação entre a representação social e o conhecimento científico. Então, se as representações sociais são consideradas um conhecimento socialmente construído e compartilhado que rege a relação do sujeito com o mundo e com os outros, nós pesquisadores do campo da educação e da saúde, temos à mão um estratégico referencial teórico e prático para entender os sujeitos, que somos, e os espaços sociais, que ocupamos.

Considerar a teoria das representações sociais nos estudos de processos educativos propicia entender como as noções e os modos de pensamento construídos na trajetória de vida dos sujeitos, influenciados, por conseguinte, pela experiência coletiva, pelos fragmentos das teorias científicas e dos saberes escolares, expressos, em parte nas práticas sociais, poderiam ser mobilizados e



transformados para servir a vida cotidiana (MOSCOVICI, 2005).

A velhice e o expressivo fenômeno do envelhecimento populacional, por exemplo, são problemáticas sociais ainda muito marginalizadas, e que anunciam a realidade cotidiana futura para a população mundial. Torna-se imprescindível compreender, “agora” no presente, as representações de envelhecimento entre os sujeitos idosos e as relações destes com as práticas sociais cotidianas. O advento de um grupo populacional etário mais “sênior” implicará em drásticas transformações comportamentais, culturais, de valores e de consumo. Será necessário entender para intervir sobre este processo.

6 Considerações Finais

Não dá para terminar sem refletir o lugar do senso comum na Teoria das Representações Sociais e o “Mito da Modernidade”, que separou, desvalorizou e negou o diálogo com o senso comum na construção do pensar contemporâneo. O paradigma moderno não pode mais negar os saberes, vivências e experiências, que sem dúvida, dialogam com o conhecimento científico na construção de uma ciência verdadeiramente pós-moderna. Não dá mais para achar que um saber está abaixo ou acima do outro. O saber científico e o saber do senso comum dialogam, confrontam e negociam fenômenos na construção do conhecimento científico.

A velhice como um problema social está em correlação com as lutas econômicas que afetaram as estruturas familiares. As famílias, que durante um longo período assumiram o encargo de cuidar dos idosos, tornaram-se incapazes de atender a suas necessidades. Todavia, a “velhice”, assim como a “juventude”, não é uma espécie de característica substancial inerente à idade, mas uma categoria cuja delimitação resulta do

estado variável das relações de força entre os seguimentos sociais e, em cada grupo humano, das relações entre as gerações, isto é, da distribuição do poder e dos privilégios entre as classes e entre as gerações. A prática educativa com/entre idosos, deve consistir, incisivamente, na emancipação e no empoderamento destes sujeitos.

Não há mais como evitar! Urge a necessidade de revelar “o olhar do/sobre o outro”, compreender o modo como as pessoas veem as doenças, a cura e principalmente a ideia que se tem de viver “com/sem saúde”. Urge estabelecer a rede de significados para que o processo de educação em saúde identifique os espaços de inflexão e de resistência das representações sociais, para a partir disso, ancorar novas representações na estrutura conceitual dos sujeitos e possibilitar uma (RE) interação com “novos” sujeitos, saberes e espaços.

Divulgação

Este artigo é inédito e não está sendo considerado para qualquer outra publicação. Os autores e revisores não relataram qualquer conflito de interesse durante a sua avaliação. Logo, a revista *Scientia Amazonia* detém os direitos autorais, tem a aprovação e a permissão dos autores para divulgação, desta revisão, por meio eletrônico.

Referências

CHAVES. A. M, Barbosa M. F. Representações sociais de crianças acerca de sua realidade escolar. **Estudos em Psicologia** 1998; 15(3): 29-40.

FARR, R. **Representações sociais: a teoria e sua história.** IN: Guareschi PA, Jovchelovitch S, orgs. **Textos em representação sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes; 2007.

JODELET. D. **Representações sociais: um domínio em expansão.** IN: Jodelet D, orgs.



As representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ; 2001.

MINAYO. M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 9.ed. revista e aprimorada. São Paulo: HUCITEC; 2006.

MOSCOVICI. S. **Representações sociais: investigação em psicologia social.** RJ: Vozes; 2005.

OLIVEIRA. I. A. **Saberes, imaginários e representações na educação especial: a problemática ética da diferença e da exclusão social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

OLIVEIRA. M. S. B. S. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** 2005; 19(55): 180-186.

SÁ. C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais.** RJ: EdUERJ; 1998.

SÁ. C. P. **Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria.** IN: Spink MJ, Org. **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva social.** São Paulo: Brasiliense; 1995.

SÁ, Celso Pereira. **Núcleo central das representações sociais.** Revista. Petrópolis: Vozes, 2002.